

Sonetos após *Sonetos*¹

Sonnets after *Sonetos*

Wilberth Salgueiro*

I ncompletos

Chico ficou sabendo do soneto
que fiz pra Caetano e me ligou:
"Camarada, que tal a gente com-
por um sambinha nosso? Vamo-nessa?"

Chico, seu danadinho, quer fazer
de moi seu Julinho do Adelaide?

¹ SALGUEIRO, Wilberth. *Sonetos*. Vitória: Cousa, 2022.

* Doutor em Literatura Brasileira pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Docente titular da Universidade Federal do Espírito Santo e pesquisador do CNPq com vários ensaios e artigos publicados, e escritor, autor de *Anilina* (poemas, 1987), *Digitais* (poemas, 1990), *Personecontos* (poemas, 2004), *O que é que tinha no sótão?* (narrativa para crianças, 2013), *O jogo, Micha & outros sonetos* (poemas, 2019) e *Sonetos* (poemas, 2022).

Soneto para rir de si, da morte

Se todo o mundo morre, quer dizer
que morrerei também? Mas que maçada!
A gente nasce, cresce, se diverte,
tem filhos, faz poema e - pô! - acaba?

Será por isso que em Deus creem, hein?
Para fingirem sem pudor que o tal
tem algum puxadinho lá no além?
Vos digo: aqui se faz, aqui se apaga.

Viver é bom demais da conta, certo?
Certo que a conta indesejada há de.
Vale cantar a "Oração ao tempo"?

Mais vale todo dia suicidar-se,
e lutar contra a morte corriqueira,
rindo, bem sísifus, com pedra e arte.

Soneto sobre si e sobre cobra

Interpretar poemas requer lê-los
infatigavelmente, como disse
Candido (e quem mais desse jeito pense),
porque nas releituras tramas se

dão a ver, verso a verso, numa sílaba
sutil, no modo como os sons acabam
chocando e se chocando, quando (sim!),
sem forçar, a sintaxe incorpora a

própria história que conta e da qual faz
parte, tal qual qualquer figura de
linguagem (ironia, metonímia,

elipse), transformando, fim e meio,
quem se quer um sujeito usando a arte
(em extinção) de interpretar poemas.

Metassoneto cheio de mau gosto

Hoje eu jantei, do pé, a unha. Bem melhor do que qualquer ifood. E mais barato. Comer unha... Uhn... Que eca, diriam todos, menos o bom Glauco!

Ontem, contudo, meu rango foi bem outro: melecas. Mas somente as mais verdinhas. Que nojento! Fazer decassílabos sem beleza - nem Chacal!

Ok, vocês venceram. Amanhã comerei, fritas, as batatas da minha perna: ai que blitz-macunaíma!

Nem unha, nem meleca, nem a carne da minha perna - fingimentos fingidos, fungidos, cá tão carcomidos...
(fevereiro 2023)

"Soneto sob a capa de entrevista":

"Quem o senhor considera o melhor?"
 "Seu verso está errado, meu garoto."
 "Não entendi. O que é que eu fiz de errado?"
 "O 'considera': fora de lugar.

Mas vamos lá. Anote aí: Cabral.
 Drummond. Bandeira. Ana. (Ana Cris-
 tina. Ana Cristina Cesar.) Quar-
 teto ABCD." "Tem mais outras dicas?"

"Diques. Não tiques. Nem diz o que se
 já disse." "E poesia social,
 engajada, política - que acha?"

"Acha fundamental. Acha que chispa.
 Cálculo, siso e riso: entrem, aspas!
 Cavar as pedras, cavar sem as pás."
 (janeiro 2023)

Quintetos para a Central

1. Dois mil e vinte e dois: eis,
2. a nossa Biblioteca
3. – também chamada Central –
4. vai virar senhora Loba.
5. E vai ter festa? Sim! Oba!

6. Loba porque faz quarenta
7. – 40 anos! Beleza!
8. A Central, a chique, a tal!
9. Uma idade de responsa.
10. Venha! Veja! Leia! Ouça!

11. Alunos, docentes, técnicos,
12. todos os que querem ler
13. e pesquisar: chega mais!
14. A Biblioteca é dos
15. leitores (e de escritores)!

16. Quantas gerações já se
17. acharam e se perderam
18. por essas tantas estantes?
19. Há mil modos de ler, modos
20. de desdobrar uma obra.

21. Importa à gente saber
22. que saber faz muito bem
23. e que o livro – digital
24. ou impresso – vale todo
25. nosso empenho, nosso esforço.

26. A Biblioteca (resta
27. dizer), bem mais do que um prédio
28. palpitando em todo o campus,
29. guarda mistérios, histórias
30. dignas de Machado e Rosa!

31. Só depois de algumas décadas,
32. com nome “Fernando de
33. Castro Moraes”, a Central
34. em Goiabeiras fixou-se
35. nos idos de oitenta e dois.

36. Agora, a Biblioteca

37. chega (Clarice!), soberba
 38. (Cecília!), a quarenta: a idade
 39. de jovem senhora Loba
 40. – saber e sabor de sobra!

Homenagem de Wilberth Salgueiro à Biblioteca Central da Ufes,
 em seu 40º. ano no campus de Goiabeiras: um poema com 8
 estrofes e 40 versos de 7 sílabas com rimas em e-a-o.

Soneto pra Maria, meu amor

Tem muito mais de mil sonetos de
- amor. Farei o meu pro meu amor.
Estamos bem juntos tem quase décadas.
Cada um sabe de si - um por dois.

Se perguntam, diria: não tem fórmula.
Atravessar Sussuarão dia a
dia tem sido rosa alegria. Ah,
também cuidamos dos filhotes, nossos

lindos. Boletos? Tem. Brigas? De praxe.
Discordar faz parte, mas não demais.
Quando os corpos se entendem, todo corpo

alma já é. E assim vamos, amor,
Maria, de mãos dadas, donos, tendo-nos:
entendendo, entretendo, entreendendo.

Soneto da engraçada consoada

A morte está chegando, sim. Não tem
escapatória. Desse modo, ce-
lebremos tudo aquilo que rolou:
o gole, a gala, a gula, aquele gol,

os incontáveis livros que mudaram
minha cabeça, mais filmes e músicas,
cada peça que vi, cada pintura.
Valeu usar-me em vida nisso: arte.

Além, amar & amores merecidos,
fazer alguns sonetos engajados,
ter um tanto de amigos me parece

um saldo bem saudável. Show, galera!
Fui o que pude (com chiste): rebite
de mim. Só rindo. Bye bye. Kiss. Abraço.

Soneto para Caetano V.

Quem? Foi o que pensei ao perceber
Caetano Veloso no cinema.
A vontade de vê-lo em vez de ao filme
envolveu-me. Já não sabia onde a

tela, onde a pele. Tudo assim: neblina.
Ah, devo estar sonhando - ponderei.
Não. Mas que nada. Cante-me (foi ele,
o próprio, que me disse) uma cantiga

vermelha. Como? Repeti: vermelha?,
espantadíssimo com tudo aquilo.
Lilás, então, e riu. Djavaneávamos.

Olhei em volta: eu, no meu sofá,
sem ninguém. Livros. Cores. Religuei
o sonho da alegria, da aletria.

O soneto abaixo começou numa insônia. Ganhou várias versões, e agora parece ter estacionado na vaga que lhe coube. Eu o dedico, em especial, aos leitores de Torquato Neto.

**Visão-Torquato prum Brasil melhor
(em maio de 2022)**

— Torquato, três da madrugada, e nós.
Eu, na varanda, insone, planejando
o que fazer, mas sobretudo: quando?
Olhos vermelhos nos vermelhos olhos

(não é droga nem trágico). Devora-me,
desejo rubro – mais: fúcsia. Vidente.
A vida pode dar certo. Sim. Pode.
Basta a manhã chegar tranquilamente.

Café, geleia, pão na mesa (aposto).
Torto, o quão, vai desafinar contentes.
Inóspitos hospícios em suspenso.

Melhor ver o mil povo na revolta.
Auroras! Gados e rebanhos: fora.
— Manhã-carmim, cor, vem, que é hora e vez!

Soneto pro poeta Vitor Vogas

Versátil Vitor, doravante em veste
sonetista, fazendo gol a cada
investida, em tabela com colegas
poetas, prosadores e demais:

seus poemas ensinam e divertem.
Nós, seus leitores, nos quedamos na
expectativa: quando, como, quede
o poema que Vitor vai mandar?

E lá vem a surpresa sempre em versos
brincantes, reflexivos, entre adornos.
Regoziamo-nos ("orgasmo ce-

rebral"), diante da nossa tela
- celular, notebook ou mesmo um PC.
Que venham muitos: tamo-junto em todos!
(25/11/2021)

Sonetexto para *Rondar o indizível*

Nelson me solici-
ta, generoso,
uma orelha (de
Van Gogh?, revém o

gracejo incontido).
Ei-la, na maneira-
-martinelli, em sílabas
de cinco aos sonetos.

Que posso dizer
senão que falamos
de obras-primas? Sim!

Sim, repito: são
aulas, pensamentos
que nos versificam.

Fazia ano e meio que eu não soneteava: vida corrida, algum desinteresse, falta de tempo (soneto, como toda literatura em verso ou prosa, exige cálculo e paciência). Ontem, enfim, se "angústia é fala entupida" (Ana C.), desangustiei o que segue abaixo.

Outubro 22

Dois mil e vinte e dois: o país vai mal, muito mal, depois do golpe que tirou a Dilma e da prisão armada do Lula. Com o vampiresco Temer,

veio a sarjeta bozonazi, com sua estúpida horda, merda, turba. Não bastasse, rolou o tal corona - vírus letal, a virar vida em túmulo.

Agora a guerra: Rússia, Ucrânia, Otan e os Estados Unidos: todos totalmente errados (tem ainda os tontos,

isentões e que tais). Outubro é já: seja no grito, sim, seja no voto, volta, Brasil, a se civilizar.

Soneto pro arretado Pedro Américo

Prezado Pedro, do poente e do
repente um arretado e mais que da-
nado poeta, sem dó nem dedo ou
dados de tipo mallarmaico: dá-lhe!

Eu que não vou espadachar contigo,
causodiquê a lâmina de meu
soneto está assim: cheia de zi-
nabre, Cabral, Chacal, cheia de

Glauco, Leminski, Ana C., mais
Míccolis e outros camaradas que
tais. Sua verve só me instiga a

seguir na luta: quanta caatinga
terei de regar pra que o Lope de
Vega venha, do além, umas tomar?

Marcelo Paiva de Souza

Assim, muito de improviso
Já que não sou do cordel
Vai um cordial abraço
Para Curitiba – e pausa
Na casa do meu amigo
Marcelo Paiva de Souza.

Sabe tudo quanto é língua
Mas ensina é polonês
É tradutor de teatro
E de poesia: quem ousa
Retraduzir o que já
Marcelo Paiva de Souza?

O caboclo sabe tudo
Sabe até de futebol
Dou meu vivo testemunho
Só digo mais uma coisa
Pra brindar seu jubileu,
Marcelo Paiva de Souza:

Toda pessoa que faz
Cinquenta anos de vida
Tem direito ao que quiser
Desde que escreva na lousa
Mais quatro rimas pro nome
"Marcelo Paiva de Souza".

Sonetos-piada

1. Duas palavras

Aí, o cara foi prum monastério
lá no sul da Tailândia, conhecido
por regras rígidas: só uma vez
por década a pessoa poderia

pronunciar, ao monge Khan Li Lu,
duas palavras. Duas! Após dez
anos (silêncio, solidão, mudez),
diz o abnegado aprendiz: "*cama dura*".

Khan só ouviu, sorriu e se foi. Mais
dez anos, Khan retorna. Diz o cara:
"*comida ruim*". Kahn ouviu, riu, foi-se.

Enfim, o cara, dez anos depois:
"*vou embora*" – e Kahn: "Vá. Você só abre
a sua boca para reclamar!"

2. Gato

O patrão viajou. Man'el ficou
tomando conta do gatinho do
patrão. Eis que do nada um telegrama
(tempos de Manoel e telegrama):

"Gato morreu". Patrão quase alucina.
De volta, o patrão diz ao português:
"Manoel, quando ocorre um lance assim,
diga: 'Gato subiu telhado'; de-

pois: 'Gatinho caiu telhado'; aí,
'Gato morreu'. Você entendeu?". "Meu
patrão, agora, sim, tudo entendido."

Eis que dois meses mais tarde viaja
o patrão e de novo o Manoel
telegrafa: "Mãe subiu telhado".

3. Mozart e Bach

O grande Mozart morre. Céu em festa.
Quando o compositor chega, divina
música toma conta do ambiente.
Surgem Bach e São Pedro – que o convida:

“- Amadeus, dada a dadivosa obra
que você, genial, fez lá embaixo,
queremos tê-lo como diretor
de nossa orquestra celeste. Que tal?”

Mozart, sem hesitar, diz, para o santo:
“- Meu caro, só uma entidade pode
assumir um encargo desse: Deus!

E depois desse Deus, ouçam, há só
uma pessoa para isso: Bach!”
Bach ri, sussurra: “Mas, Wolf, Deus sou eu...”

4. Leão

O leão resolveu investigar
seu título de rei – rei da floresta.
Encontrou um macaco, do qual, meio
rugindo, quis saber: “Caro macaco,

me diga, sem temor: quem é o rei
dessa nossa floresta?”. Nada bobo,
macaco disse: “És tu, meu rei”. Senhor
de si, viu a girafa: “Eu já sei,

mas, amiga, me diga, sou o dono
de tantas verdes folhas que mastigas?”
E “sim, sim, sim” ouviu – até topar

com o tal elefante, que bem longe
arremessa o leão: “Se não sabia
a resposta, pra que ficar tão bravo?...”

5. Garrincha

Jogo difícil: um a zero para
o Botafogo. Já bem no final,
roendo até os cotovelos, diz
o técnico: "Segura, não arrisca,

segura a bola". Eis que de repente
sobra uma bola pra ele – Garrincha.
Vem um João, caneta; mais um vem,
outra caneta. A galera pira.

Garrincha avança, deixa o beque ca-
ído, dribla o goleiro e, gol aberto,
volta co'a bola, dribla outro e sofre

a falta. Todos falam para o craque:
"- Mas, Garrincha, não fez o gol por quê?";
"- Ué, o cara mandou prender a bola..."

6. Tom

Estavam bem bebendo Tom, Toquinho,
Vinicius, Chico e sabe lá mais quem.
Tom repetia o chiste: "Meu problema...
... é-de-piano", e ria, mais erguia

o copo até a altura da cabeça.
Todos deveras temulentos, mas
sabe-se lá quem, cético, sapeca
sobre o Tom a pergunta etilizada:

"- Tom, por causa de que-que a cada gole
você levanta o copo até o chapéu?
Tá fazendo promessa? Ou é mandinga?"

Caíram na armadilha do maestro:
"- Não é por nada não, caros apóstolos...
É que mandaram suspender o uísque..."